

OUTRO ESTUDO DE DANÇA
OS FUNDOS NO BALÉ
SEGUNDO UMA INDICAÇÃO RECENTE

Relativamente à Loïe Fuller enquanto ela se propaga, ao redor, de tecidos reconduzidos a sua pessoa, pela ação de uma dança, tudo foi dito, em artigos alguns poemas.

O exercício, como invenção, sem o emprego, comporta uma embriaguês de arte e, simultânea uma realização industrial.

Ao banho terrível dos tecidos se pasma, radiosa, fria a figurante que ilustra muito tema giratório em que estende uma trama longe desabrochada, pétala e borboleta gigantes, espriar, tudo de ordem nítida e elementar. Sua fusão às nuances velozes mudando sua fantasmagoria oxídrica de crepúsculo e de grotá, tais rapidezzes de paixões, delícia, luto, cólera: é preciso para movê-las, prismáticas, com violência ou diluídas, a vertigem de uma alma como que colocada no ar por um artifício.

Que uma mulher associe o esvoaçar de vestes à dança poderosa ou vasta a ponto de as sustentar, ao infinito, como sua expansão –

A lição consiste nesse efeito espiritual –

Dom com ingenuidade e certeza feito pelo estrangeiro fantasma ao Balé ou a forma teatral de poesia por excelência: reconhecê-lo, inteiro, em suas conseqüências, tarde, graças ao recuo.

Sempre uma banalidade flutua entre o espetáculo dançado e você.

A proibição de que esse deslumbramento satisfaça uma pensativa delicadeza como a atinge por exemplo o prazer encontrado na leitura dos versos, acusa a negligência de meios sutis inclusos no arcano da Dança. Alguma estética restaurada ultrapassará com notas ao lado, em que, ao menos, denuncio, de um ponto de vista próximo, um erro ordinário na encenação: ajudado como sou, inesperadamente, súbito pela solução que desdobra com a simples emoção de seu vestido minha muito pouco consciente ou voluntariamente aqui em causa inspiradora.

Quando, ao erguer da cortina numa sala de gala e todo local, aparece assim como um floco de onde soprado? furioso, a dançarina: o tablado evitado por saltos ou duro às pontas, adquire uma virgindade de lugar não sonhado, que isola, construirá, florescerá a figura. O cenário jaz, latente na orquestra, tesouro das imaginações; para dele sair, por explosão, segundo a vista que a representante distribui aqui e ali da idéia à ribalta. Ora, essa transição de sonoridades aos tecidos (há, melhor, a uma gaze semelhando que a Música!) é, unicamente, o sortilégio que opera a Loïe Fuller, por instinto, com o exagero, os recolhimentos, de saia ou de asa, instituindo um lugar. A encantadora faz a ambiência, a tira de si e nela volta a entrar, por um silêncio palpitado de crepes de China. Logo vai desaparecer como nesse caso uma imbecilidade, a tradicional implantação de cenários permanentes ou estáveis em oposição com a mobilidade coreográfica. Chassis

opacos, cartolina essa intrusão, pro lixo! eis aqui devolvida ao Balé a atmosfera ou nada, visões esparsas assim que sabidas, sua evocação límpida. A cena livre, ao grado de ficções, exalada do jogo de um véu com atitudes e gestos, torna-se o muito puro resultado.

Se tais mudanças, num gênero isento de qualquer acessório salvo a presença humana, importadas por essa criação: sonha-se escutar o princípio.

Toda emoção sai de você, amplia um meio; ou sobre você se funde e o incorpora.

Assim esse desprendimento múltiplo em torno de uma nudez, grande dos contraditórios vãos em que esta o ordena, tempestuoso, planando aí a magnífica até a dissolver: central, pois tudo obedece a uma impulsão fugaz em turbilhões, ela resume, pelo querer às extremidades perdido de cada asa e dardeja sua estatueta, estrita, de pé – morta pelo esforço de condensar fora de uma liberação quase dela sobressaltos tardados decorativos de céus, de mar, de anoiteceres, de perfume e de espuma.

Tácita tanto! que proferir uma palavra a seu respeito, enquanto ela se manifesta, muito baixo e para a edificação de uma vizinhança, parece impossível, porque, primeiro, isso confunde. A lembrança talvez não será extinta sob um pouco de prosa aqui. Na minha opinião, importava, onde quer que a moda disperse essa eclosão contemporânea, miraculosa, extrair o sentido sumário e a explicação que daí emana e age sobre o conjunto de uma arte.

*
* *

O único, era-o preciso fluido como o encantador das *Vies Encloses* e agudo – que, por exceção, tenha, recentemente, tratado de Dança, o Sr. Rodenbach, escreve facilmente frases absolutas, sobre esse assunto virgem como as musselinas e mesmo sua clarividência – a propósito de uma estátua expondo, despida, uma dançarina – acumula-as, alonga-as, estende-as por vivas dobras; depois constata o cuidado próprio às bailarinas desde os tempos “de complicar com todas as sortes de adornos vaporosos o enfeitamento das danças, *em que seu corpo não aparece senão como o ritmo de que tudo depende mas que o esconde*”.

Luminoso ao deslumbramento.

Uma armação, que não é de nenhuma mulher em particular, donde instável, através do véu de generalidade, atrai sobre tal fragmento revelado da forma e aí bebe o clarão que o diviniza; ou exala, de retorno, pela ondulação dos tecidos, flutuante, palpitante, esparso esse êxtase. Sim, o suspense da Dança, temor contraditório ou desejo de ver demais e não o bastante, exige um prolongamento transparente.

O poeta, por uma página rica e sutil*, restituiu, de chofre, à antiga função seu caráter, que ela se estofa; e, sem retardo, invoca a Loïe Fuller, fonte incalável de si mesma – perto o desenvolvimento de quem ou as tramas imaginativas vertidas como atmosfera, as coriféias do Balé, curto-vestidas em excesso, carecem de ambiência salvo a orquestra e não fosse mais que o figurino simplificado, para

* *Figaro*. (5 maio 1896).

sempre, por uma espiritual acrobacia ordenando seguir a menor intenção escritural, existe, mas invisível, no movimento puro e no silêncio deslocado pela pirueta. A quase nudez, à parte um raiar breve de saia, seja para amortecer a queda ou, ao inverso, altear a elevação das pontas, mostra, para tudo, as pernas – sob qualquer significação outra que pessoal, como um instrumento direto da idéia.

Sempre o teatro altera de um ponto de vista especial ou literário, as artes que toma: música não concorrendo aí sem perder em profundidade e sombra, nem o canto, do relâmpago solitário e, propriamente falando, poder-se-ia não reconhecer ao Balé o nome de Dança; o qual é, querendo-se, hieróglifo.

Agrada-me, reatar, um ao outro, esses estudos, por uma anotação: quando a ela convida um sagaz confrade que consente em olhar a execução plástica, sobre a cena, da poesia – outros evitam trair, ao público ou a si, que jamais, com a metamorfose adequada de imagens, não disponham mais que um Balé, representável; que elãs e tão mais espaçosos, que à visão multiplica sua estrofe.

Edição utilizada: MALLARMÉ, Stéphane. *Igitur, Divagations, Un coup de dés*. Paris: Gallimard, 1976.